

WHO I A? DIVERSIDADE CULTURAL, IDENTIDADE E ALTERIDADE NO LIVRO *AMERICANAH* DE CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE

Iasmin Rocha da Luz Araruna de Oliveira (UERJ)¹

Resumo: Frente ao panorama mundial pós-moderno, marcado pelo acirramento da globalização e por um crescimento de sociedades multiculturais, nas quais é possível observar um fluxo contínuo de migrantes, é necessário entender como as identidades, antes unificadas e estáveis, têm se tornado fragmentadas e diversas. Partindo disso, esse artigo tem como objetivo analisar no romance *Americanah* de Chimamanda Ngozi Adichie o percurso da personagem migrante Ifemelu e como está personagem lida com as questões da identidade e da alteridade num contexto de diversidade cultural.

Palavras-chave: *Americanah*; Identidade; Alteridade; Diversidade Cultural

Em meio a uma Nigéria dominada pelo regime militar nos anos 1990, Ifemelu, personagem principal da trama, e Obinze, seu primeiro amor de juventude, assistem à situação calamitosa do país, recheada por sucessivas greves na universidade, e à partida de vários estudantes que buscam melhores condições de vida e um futuro mais promissor. Ifemelu não foge à regra e parte da Nigéria para viver e estudar nos Estados Unidos. Longe dos familiares e do namorado, a personagem precisa reconstruir sua identidade e enfrentar, pela primeira vez, a questão racial. É apenas na América do Norte que Ifemelu se descobre enquanto mulher negra.

A chegada da personagem aos Estados Unidos não é fácil e as perspectivas de uma vida melhor e mais confortável são, a princípio, frustradas. Ifemelu tem muitas dificuldades para arranjar um emprego e para se adaptar aos códigos sociais da cultura norte americana. Por ser negra, africana e imigrante, ela sente o peso dos estereótipos e é oprimida em diferentes momentos da narrativa, o que fica claro quando assume papéis que são inferiorizados pelos norte-americanos, como babá e prostituta.

Além disso, há uma forte pressão para que Ifemelu suprima seu sotaque nigeriano e tente adotar a pronúncia americana do inglês, visto que o inglês da Nigéria é marcado pelo hibridismo por conta das diferentes etnias que habitam o país. O inglês de Ifemelu é marcado pelo igbo, o qual também é língua materna da personagem. “*Americanah!*”, brincava Ranyinudo sempre. “Você está vendo as coisas com olhos de americano. Mas o problema é que nem é uma *americanah* de verdade. Se pelo menos tivesse um sotaque americano, a gente aturaria as reclamações!” (ADICHIE, 2014, p. 416)

¹ Mestranda em Literatura Portuguesa pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado Rio de Janeiro. Contato: iasmindaluz@live.com

A princípio, Ifemelu tem uma postura aparentemente neutra frente às ofensas, ao racismo e aos discursos xenofóbicos, no entanto, a vida da personagem ganha uma nova guinada, quando ela decide escrever um blog denunciando as situações de opressão pelas quais passa e questionando os modos de vida dos americanos a partir da perspectiva de uma negra não americana.

O romance aborda temáticas referentes ao multiculturalismo, além da busca pela identidade marcada pela vivência num ambiente de alteridade e de diversidade cultural. Ifemelu está se desloca tanto geograficamente, da Nigéria para os Estados Unidos e, depois, dos Estados Unidos de volta à Nigéria, quanto ideologicamente, passando por diversos processos de construção identitária. A personagem não deseja perder aquilo que a faz sentir-se nigeriana, todavia, percebe também a necessidade da negociação cultural. *Americanah* nos remete à questão da imigração em busca de uma vida melhor e às dificuldades enfrentadas por um imigrante pobre na tentativa de adaptação ao país de chegada.

Segundo Silviano Santiago (2008), na pós-modernidade, há uma nova modalidade de desigualdade social, a qual não pode ser compreendida dentro de um único estado-nação, nem por meio das relações entre governos nacionais, pois a razão econômica que convida os pobres a migrarem para as metrópoles pós-modernas é transnacional e, na maioria dos casos, clandestina. O fluxo de novos habitantes é decidido, de modo geral, pela necessidade de recrutar pessoas que aceitem exercer os serviços braçais e estejam dispostas a transgredir as leis de imigração.

Ifemelu e, principalmente, Obinze estão enquadrados dentro deste “cosmopolitismo do pobre” das sociedades pós-modernas descrito por Santiago. Ambos migram por razões econômicas e se sujeitam a serviços vistos como inferiores nos países de chegada. Embora Ifemelu tenha um visto de estudante, ela tenta conseguir emprego como cuidadora de idosos, como atendente de restaurantes e, sem sucesso, aceita até mesmo um trabalho como prostituta para conseguir dinheiro. Obinze também se sujeita a uma série de subempregos e tenta casar com uma moça inglesa para burlar a imigração e conseguir um visto permanente.

Ifemelu fez entrevistas para vagas de garçoneiro, hostess, bartender e caixa e ficou esperando ofertas de emprego que nunca chegaram, sentindo que a culpa era sua. Tinha de ser ela que estava fazendo algo de errado; mas não sabia o que poderia ser. O outono chegara, chuvoso e com céus cinzentos. O dinheiro vazava de sua parca conta no banco (ADICHIE, 2014, p. 144).

Todo mundo falava rindo das pessoas que iam para o exterior para limpar privada, por isso Obinze encarou seu primeiro emprego com ironia: ele de fato estava no exterior limpando privadas, usando luvas de borracha e carregando uma pá, no escritório de uma imobiliária no segundo andar de um prédio de Londres (ADICHIE, 2014, p. 256).

As personagens têm suas perspectivas de uma vida boa no exterior frustradas. Tanto Ifemelu quanto Obinze pertenciam à classe média de seu país e, quando chegam aos Estados Unidos e à Inglaterra, precisam exercer funções subalternas para sobreviver. Além disso, eles precisam lidar com os estereótipos e com uma sensação de não pertencimento. A migração para o sujeito que está em situação desfavorável “produz mais desenraizamento do que libertação, mais vulnerabilidade do que aventura, mais solidão do que enriquecimento por multiplicação de pertencimentos” (CANCLINI, 2009, p. 204). Ifemelu, a princípio, tem dificuldades de entender os códigos culturais dos Estados Unidos e sofre para se adaptar. Além, ela é vista por muitos americanos como um ser estranho, como exótica.

“Ah”, disse Elena, olhando para Ifemelu com o cenho franzido, do mesmo jeito que Jackie e Allison haviam olhado mais cedo, quando ela disse que nunca tinha jogado boliche, como se estivessem se perguntando como poderia ser uma pessoa normal sem nunca ter jogado boliche. Ifemelu estava na periferia de sua própria vida, compartilhando uma geladeira e um banheiro, uma intimidade rasa, com pessoas que não conhecia nem um pouco (ADICHIE, 2014, pág. 139).

Mas, quando o garçom trouxe a conta, Alisson começou a decifrar cuidadosamente quantas bebidas cada havia pedido e quem havia comido a lula de entrada para se certificar de que ninguém ia pagar por outro. Obinze achava muito engraçado, e disse: “Isso é América mesmo!”. Para Ifemelu, foi engraçado apenas na hora de contar. Ela teve dificuldade para esconder seu espanto com as fronteiras de hospitalidade e também com a questão das gorjetas – pagar mais quinze ou vinte por cento para a garçonete -, que parecia muito com um suborno, um sistema forçado e eficiente de suborno (IDEM, pág. 141).

Ifemelu sofre diversas ações excludentes, as quais são marcadas pelo desprezo ou depreciação da sociedade majoritária. Essas ações são normalmente geradas por estereótipos, os quais marcam os grupos étnicos que não fazem parte da sociedade norte-americana. Há uma forte pressão, por exemplo, para que a personagem não use o inglês nigeriano e sim adote o modo de falar norte-americano. Ifemelu chega a ser questionada, se, de fato, sabe falar inglês. A fala da professora de Glória Anzaldúa (2009) se aplica à Ifemelu: “Se você quer ser americana, speak ‘American’. Se você não gosta disso, volte

para o México, que é o seu lugar” (ANZALDUA, 2009, p. 305). Num contexto diferente, é o que os americanos dizem à Ifemelu: “fale o inglês dos Estados Unidos ou volte para à Nigéria, que é o seu lugar”.

Segundo Anzaldua (2009), as mulheres chicanas usam suas diferenças linguísticas umas contra as outras, porque internalizam o modo como a sua língua tem sido usada contra elas pela cultura dominante. No caso de Ifemelu, a própria personagem decide, para poder se integrar à cultura dominante, adotar o inglês norte-americano. Ao ter sua língua questionada, Ifemelu sente também que sua identidade enquanto nigeriana está sendo menosprezada. De acordo com Anzaldua (2009), a identidade étnica e a identidade linguística formam um conjunto e não é possível ter orgulho de si mesma até que se possa ter orgulho da sua língua. Há uma construção de estereótipos em torno da “condição africana”, e a representação e o imaginário de tudo aquilo ligado ao continente é feito de maneira negativa.

Cristina Tomas disse: “Eu. Preciso. Que. Você. Preencha. Alguns. Formulários. Você. Entende. Como. Preencher. Estes. Aqui?”, e Ifemelu entendeu que a menina estava falando desse jeito por causa *dela*, de seu sotaque, e durante um instante sentiu-se como uma criança pequena, de braços e pernas moles, babando. “Eu falo inglês”, disse Ifemelu. “Aposto que fala”, disse Cristina Tomas. “Só não sei se fala bem”. Ifemelu se encolheu. Naquele segundo de silêncio difícil em que ficou olhando nos olhos de Cristina Tomas antes de pegar os formulários, ela se encolheu. Como uma folha seca. Falava inglês desde pequena, fora campeã da equipe de debate no ensino médio e sempre achara a pronúncia anasalada dos americanos um pouco rudimentar; não deveria ter se acovardado e encolhido, mas o fez. E, nas semanas seguintes, conforme o frio ia surgindo, começou a treinar o sotaque americano (ADICHIE, 2014, p. 147, grifos da autora).

O processo de imposição da cultura do colonizador acarreta uma perda de identidade e assimilação de novos valores ideológicos. Na perspectiva de Fanon (2008), todo povo colonizado, isto é, todo povo que adquiriu um complexo de inferioridade diante da perda de suas referências culturais, toma uma posição diante da linguagem da nação civilizadora. Quanto mais os valores culturais metropolitanos foram assimilados, mais o colonizado se aproximará do colonizador. Para o autor, todo idioma é um jeito de pensar e o fato do negro recém-chegado falar a língua do país de chegada e não do país onde nasceu representa um deslocamento, uma fragmentação

De acordo com Canclini (2009), para migrantes pobres e exilados políticos, os aeroportos e as fronteiras não são “oásis de não-pertencimento” ou “terras que não são de

homens nem de mulheres” (CANCLINI, 2009, p. 205). Para os migrantes de classes sociais desfavorecidas, que buscam por uma vida melhor no exterior, ser sujeito significa buscar novas formas de pertencimento, de ter direitos e de encarar violências. Para o autor, a abertura multicultural da pós-modernidade globalizada não é acompanhada de estruturas e leis que assegurem direitos sociais àqueles que migram ou vão e voltam de países diversos.

A globalização se desenvolveu plenamente no que toca ao livre deslocamento de informações e bens de consumo, todavia, essa livre circulação não se estende às pessoas. Uma das consequências da nova condição intercultural e transnacional da subjetividade é a dificuldade de se construir cidadania para as populações migrantes mais vulneráveis. Isso acontece com Ifemelu, quando ela chega aos Estados Unidos e, principalmente, com Obinze na Inglaterra. Ambos precisam encarar a violência simbólica, o desprezo por suas origens, além de se submeterem a diversas situações ruins para poderem sobreviver.

O romance não mantém uma linearidade cronológica, começa quinze anos após a chegada de Ifemelu aos Estados Unidos. Ifemelu está num salão de beleza para refazer suas tranças antes de voltar à Nigéria. O livro começa com a personagem descrevendo como é morar em Princeton, como o campus da universidade fazia com que ela pudesse fingir ser outra pessoa, uma pessoa que pertencia ao sagrado clube americano. Logo em seguida, ela questiona o porquê de não haver nenhum salão especializado em tranças em Princeton e mostra seu desgosto por ter que ir a Trenton trançar o cabelo. Ir a este outro bairro significa para Ifemelu um reforço da exclusão. Num espaço dominado por brancos ou por poucos negros que “tinham a pele tão clara e o cabelo tão liso que era difícil imaginá-los usando tranças” (ADICHIE, 2014, p.10), não há lugar que atenda às necessidades de uma pessoa que não se enquadra no padrão de beleza do norte-americano.

Embora, após quinze anos nos Estados Unidos, Ifemelu tenha alcançado uma boa vida financeira e afetiva, ela tinha a sensação de ter “cimento na alma”. A personagem sente uma grande vontade de retornar ao país natal. Para Figueiredo (2010), o exílio, forçado ou escolhido, é experimentado num duplo movimento: por um lado, a relação com a terra natal que ficou para trás, por outro a relação com o país de chegada, ao qual não se está totalmente adaptado. Nesse primeiro movimento, há uma busca por uma ancestralidade, por uma genealogia identitária perdida, a qual se funda numa temporalidade histórica imaginária e, ao mesmo tempo, revela um território que se abandonou. No segundo movimento, o migrante tem a sensação de não pertencer

totalmente ao país de adoção, ele não faz parte do grupo majoritário, do grupo de referência.

Seu blog estava indo bem, com milhares de visitantes por mês, ela ganhava bastante para dar palestras, tinha uma bolsa de estudos em Princeton e estava com Blaine – “Você é o amor da minha vida”, havia escrito ele em seu último cartão de aniversário. No entanto, tinha cimento na alma. Estava lá havia algum tempo, numa fadiga matutina, algo sombrio e sem contornos nítidos. E trouxe consigo anseios amorfos, desejos indistintos, vislumbres breves e imaginários de outras vidas que ela poderia estar vivendo, que ao longo dos meses se transformaram numa lancinante saudade de seu país. Ifemelu lia avidamente sites nigerianos, perfis nigerianos no Facebook, blogs nigerianos, e cada clique levava a mais uma história de um jovem que havia pouco voltara para casa, brandindo diplomas americanos ou britânicos, para fundar uma financeira, uma produtora de música, uma marca de roupas, uma revista, uma rede de fast-food. Ela olhava para as fotos desses homens e mulheres e sentia uma dor surda de perda, como se tivessem aberto sua mão à força e pegado algo que lhe pertencia. Eles estavam vivendo a vida dela. A Nigéria passou a ser o lugar onde Ifemelu deveria estar, o único lugar onde poderia fincar suas raízes sem sentir a vontade constante de arrancá-las de novo e sacudir a terra (ADICHIE, 2014, p. 13)

De acordo com Hall (2008), a pobreza, o subdesenvolvimento e a falta de oportunidades, consequências do imperialismo, levam as pessoas a migrar, o que causa espalhamento. Todavia, cada dispersão carrega consigo o desejo do retorno. Isso é bastante comum nas populações que sofreram com a diáspora. Há uma metáfora da história redentora, uma volta à restauração de um movimento de origem, a qual curaria todas as rupturas e fendas. Para Said (2003), as realizações no exílio são sempre sabotadas pela perda de algo que foi deixado para trás. A identidade nacional, a sensação de pertencimento a uma terra, é alimentada no exílio. É nos Estados Unidos que Ifemelu se reconhece enquanto negra e africana. Na Nigéria, ser negra não era uma questão, mas na América passa a ser.

Pensar na experiência diaspórica e na terra natal tem como consequência a reflexão acerca do pertencimento. Nesse sentido, a questão da diáspora se conecta com a do hibridismo, pois o deslocamento remete à consciência do não estar em casa, principalmente por conta do estranhamento causado pelo novo ambiente, pela necessidade de se integrar a esse novo lugar ou, até mesmo, pelo desejo de retornar ao seu local de origem. Ifemelu busca voltar a uma Nigéria imaginada, a Nigéria da sua memória. Embora a personagem já tenha constituído uma vida confortável nos Estados Unidos, ela busca no retorno à Nigéria a sensação de pertencimento, de recobrar as raízes.

Em entrevista ao Estadão, Chimamanda (2014) diz que, ao escrever *Americanah*, estava interessada na ideia do que significa “casa”. Num sentido maior, autora diz que gostaria de tratar de uma geração de africanos que está voltando para seu continente. Segundo Adichie, nos anos 60, havia muitos africanos que iam ao exterior para estudar e então voltavam. Já nos anos 70 e 80, muitos migravam para o exterior e não voltavam mais, pós seus países viviam assolados pelas ditaduras. Nos últimos 15 anos, há, novamente, uma geração de pessoas que está voltando. A economia e a política dos países africanos estão mais estáveis, e, por isso, há um fluxo grande de retorno. Nas palavras da autora, é isso que ela está tentando captar no romance. Em *Americanah*, Chimamanda cria personagens que querem voltar ao lar, que buscam a sensação de pertencimento no retorno à pátria.

Ao chegar ao salão especializado em tranças, no início do romance, Ifemelu repara no ambiente e na aparência das moças que a atenderam. As mulheres que trabalham no salão são como Ifemelu, negras e oriundas do continente africano, e, assim como ela, partiram para os Estado Unidos buscando uma vida melhor. Todavia, Ifemelu conseguiu alcançar um *status* mais elevado dentro da sociedade norte-americana, enquanto as moças ainda lutavam para sobreviver num ambiente que lhes é hostil.

“Eu tinha uma bolsa até pouco tempo atrás”, disse Ifemelu, sabendo que Aisha não ia saber o que era uma bolsa. Naquele raro momento em que a mulher se sentiu intimidada, Ifemelu sentiu um prazer perverso. Sim, Princeton. Sim, o tipo de lugar que, para Aisha, só poderia existir na imaginação, o tipo de lugar que jamais teria cartazes que diziam DEVOLUÇÃO DE IMPOSTO RÁPIDA; o pessoal de Princeton não precisava de devolução de imposto rápida (ADICHIE, 2014, p. 24).

Embora Ifemelu compartilhe com essas mulheres a experiência de ser uma negra africana e migrante, ela experimenta, em alguns momentos, um certo prazer de estar socialmente numa escala superior a essas mulheres, principalmente Aisha, cabeleireira encarregada de cuidar do seu cabelo e que lhe enche de perguntas acerca de sua vida pessoal. Segundo Chimamanda (2014), Ifemelu tem muitas nuances, é uma personagem complexa e imperfeita, como qualquer ser humano. Para a autora, pessoas que não experimentam problemas raciais não entendem o que quer dizer uma nuance. A personagem de Adichie é uma pessoa vulnerável e, segundo a autora, está longe da perfeição. Ela é capaz e apontar pessoas e atos racistas, mas do ponto de vista de um ser humano complexo e cheio de contradições, o que para Chimamanda seria uma nuance da personagem.

As mulheres negras e imigrantes do salão se aglomeram em um local e criam um senso de comunidade. A situação de marginalidade vivida por essas mulheres se aproxima de situação real vivida por migrantes que vão para os Estados Unidos, o que enquadra o livro de Chimamanda dentro da literatura de denúncia, da literatura pós-colonial. Bhabha ressalta que, no contexto transnacional em que vivemos hoje, cada vez mais se privilegia as experiências e os relatos de indivíduos híbridos.

A perspectiva pós-colonial- como vem sendo desenvolvida por historiadores culturais e teóricos da literatura- abandona as tradições da sociologia do subdesenvolvimento ou teoria da “dependência”. Como modo de análise, ela tenta revisar aquelas pedagogias nacionalistas ou “nativistas” que estabelecem a relação do Terceiro Mundo com o Primeiro Mundo em uma estrutura binária de oposição. A perspectiva pós-colonial resiste à busca de formas holísticas de explicação social. Ela força um reconhecimento das fronteiras culturais e políticas mais complexas que existem no vértice dessas esferas políticas frequentemente opostas. É a partir desse lugar híbrido do valor – o transnacional como tradutório – que o intelectual pós-colonial tenta elaborar um projeto histórico e literário (BHABHA, 1998, p. 241-2).

As personagens de *Americanah* são híbridas e estão a todo tempo negociando o lugar de sua identidade, a qual é fragmentária e mutável. Ifemelu, assim como Obinze e outros personagens da trama, não permanece a mesma ao longo de todo o romance. Não sem um quê de violência, essas personagens ora absorvem elementos da cultura dos países de chegada, ora afirmam suas referências culturais nigerianas.

Referências bibliográficas

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Americanah*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

_____. Entrevista ao Estadão em 13 de setembro de 2014. Disponível em: <http://cultura.estadao.com.br/noticias/literatura,americanah-e-um-alivio-heda-ficcao-contra-o-racismo,1559274> Acesso em: 15|10|2016

ANZALDUÁ, Glória. *Como domar uma língua selvagem*. Cadernos de Letras UFF – Dossiê da língua portuguesa, nº39, pág. 297-309, 2009.

BHABHA, Homi K. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Diferentes, Desiguais e Desconectados: mapas da interculturalidade*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

_____. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Edusp, 2008.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FIGUEIREDO, Eurídice. *Representações de etnicidade: perspectivas interamericanas de literatura e cultura*. Rio de Janeiro: 7letras, 2010.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

_____. *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

SAID, Edward W. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SANTIAGO, Silvano. *O Cosmopolitismo do pobre: crítica literária e crítica cultural*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.